

# LIBERAÇÃO

Swami Paratparananda<sup>1</sup>

Editorial da revista Vedanta Kesari – Agosto, 1966 - vol. 53- pg. 179

AS escrituras Hindus falam de quatro Purushārthas (metas da existência do homem) que são, *dharma* (retidão), *artha* (aquisição de riqueza), *kāma* (gratificação do desejo), *mokṣa* (emancipação final). Aquele que vive no mundo, que leva a vida em um lar, deve buscar todos estes. Ele não pode afirmar que vive sua vida de acordo com os requisitos dos Śāstras, se ele segue os três primeiros e negligencia o quarto. Seus desejos não deveriam estar em conflito com a retidão nem sua riqueza ser adquirida da mesma forma. Apesar das quatro metas serem colocadas como metas da existência humana, na realidade a real e suprema meta é a emancipação ou liberação. Pois somente esta é eterna enquanto as outras três são passageiras<sup>2</sup>. O Bhāgavata informa, 'Aquele que deseja ir além da escuridão de *samsāra*, da transmigração, não deve ter apego por nada que contrarie as quatro metas da existência. E entre estas, *mokṣa* apenas deve ser sempre desejada. Pois as outras três são sujeitas à regra do tempo (transientes)<sup>3</sup>.

Por que elas são mencionadas como metas da existência? Os sábios estavam conscientes de que não era possível para todos buscar a meta final de imediato. A maioria das pessoas nasce com muitos desejos e impressões. Algumas vezes as impressões são tão fortes, os desejos tão turbulentos que os seres humanos até quebram todos os códigos de conduta para conseguir satisfazê-los. Para vencer estado tão deplorável os sábios Hindus determinaram um sistema de vida que ao final leva o homem à emancipação. Ele teria que esgotar seus *samskāras*, tendências e ainda assim estar consciente de seus próprios defeitos. É por isso que os Śāstras aconselham certas regras e aceitam até mesmo a aquisição de riqueza e a satisfação de desejos dentro dos limites da retidão como metas da existência. Contudo, sempre eles nos recordam que apenas *mokṣa*, liberação, é a meta final. Não há felicidade nas coisas sem valor deste mundo, no Grande apenas existe a bem-aventurança<sup>4</sup>. Mas se deveria ter a experiência por si mesmo, de que realmente não existe nada digno de ser

---

1 Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o Editor da revista em inglês, Vedanta Kesari, da Ordem Ramakrishna, na Índia.

2 Vedanta Paribhasha.

3 Bhagavata, IV, 22.34-35.

4 Chandogya Up., 7.23.1.

adquirido ou desfrutado neste mundo, de que a vida no mundo é uma pílula coberta de açúcar. No *Bhāgavata* encontramos um diálogo entre o Rishi Maitreya e Vidura em que Vidura pede ao sábio para ensiná-lo como viver no mundo. ‘As pessoas fazem ações’, diz ele, ‘para gozar [das coisas do mundo], mas não conseguem nem felicidade, descanso ou paz de nenhum tipo. Pelo contrário, têm sofrimentos repetidas vezes<sup>5</sup>. Isto se torna óbvio para todos em algum momento. Talvez esta ideia permaneça por um período curto em alguns e em outros ela pode persistir. Quando ela se torna uma obsessão para uma pessoa, então ela se recusa a perseguir o desejo e a riqueza. Sua vida segue um novo rumo. Por não achar a paz em nenhuma parte dá meia volta e retorna ao Senhor. Sri Ramakrishna ilustra este fato com uma parábola: “Um pássaro está sentado distraído no mastro de um barco ancorado no Ganges. Vagarosamente o barco parte para o oceano. Quando o pássaro se dá conta, ele não vê terra em nenhuma direção. Ele voa para o norte esperando atingir a terra; vai muito longe e fica muito cansado e não encontra nenhuma terra. O que poderia fazer? Ele retorna ao barco e se senta no mastro. Depois de um longo tempo ele voa de novo, desta vez para o leste. Ele não consegue encontrar terra naquela direção também; para todo lado só vê o oceano ilimitado. Muito cansado, de novo retorna ao barco e se senta no mastro. Depois de descansar muito tempo, o pássaro vai em direção ao sul e depois ao oeste. Quando não encontra nenhum sinal de terra em qualquer direção ele volta e se acomoda no mastro. Ele não deixa o mastro novamente, mas permanece lá sem fazer mais esforços. Ele não se sente mais preocupado ou ansioso. Estando livre da preocupação, não faz mais esforços”.

Continuando o Mestre disse, ‘As pessoas mundanas vagam pelos quatro cantos da terra por causa da felicidade. Eles não a encontram em nenhum lugar; apenas se cansam e se desgastam. Quando, devido ao seu apego a luxúria e riqueza, apenas tiverem sofrimentos, sentirão um desejo pelo desapego e renúncia. A maioria das pessoas não pode renunciar à luxúria e riqueza sem primeiro desfrutá-las’. Qual a saída? O *Bhāgavata* declara, ‘Enquanto as pessoas não se refugiarem aos Seus pés [do Senhor], que concede destemor, sentirão medo, sofrimento, desejo, frustração e enorme sede por riqueza, pelas posses e parentes. Além disso, a falsa noção de posse, de “meu”, que é a raiz de todas as aflições também persistirão<sup>6</sup>.’ Sridhara comentando este sloka<sup>7</sup> diz, ‘medo de perder, sofrimento ao perder, desejo por mais [objetos do mundo], frustração ao fracassar em obter os objetos e a enorme sede devido a esta frustração ocorrerão com aqueles que não se refugiarem em Deus’.

---

<sup>5</sup> Bhagavata, III.v.2.

<sup>6</sup> Ibid., III.ix.6.

<sup>7</sup> Verso de uma escritura sagrada (nota do tradutor).

Sri Ramakrishna pergunta, 'O que existe para se desfrutar no mundo? Luxúria e riqueza?' Então ele mesmo responde esta questão, 'Isto é apenas um prazer momentâneo. Num momento ele existe e no seguinte ele desaparece'. Mas que profundo apego ele tem! Como é difícil se livrar deste apego! Mesmo quando os objetos estão ausentes, as impressões não dão descanso, como o odor da flor elas persistem e o corpo sutil as experimenta através da mente nos sonhos<sup>8</sup>. O que falar então dos objetos que estão perceptivelmente presentes? Eles subjagam aqueles que com intensidade os buscam e os fazem seus escravos. Portanto deve-se repetidamente transmitir à mente que todas as coisas deste mundo são passageiras. Talvez quando pela milésima vez a mente for instruída assim, poderá pela graça de Deus, ser capaz de compreender e tentar pôr esta ideia em prática. Assim que a mente absorver esta ideia, meia batalha estará ganha.

## II

Qual o significado de liberação? O que é este estado? Existem diferentes conceitos de liberação nas diferentes escolas de pensamento, mesmo entre os Hindus. Por exemplo, o Advaitin<sup>9</sup> dirá que se tornando um com Brahman, ou seja, realizando sua identidade com o Supremo é liberação. O Viśistādvaitin<sup>10</sup> dirá 'viver na proximidade de Deus e ser bem-aventurado é a meta suprema'. Nós não necessitamos entrar nos detalhes destes conceitos aqui. O que um aspirante espiritual deve saber é que existe um estado a ser atingido que é o mais bem-aventurado, atingindo o qual não há mais retorno a este mundo de tensões e sofrimentos. E o modo de atingir tal estado está dentro do alcance de todos os seres humanos se tentar com sinceridade. Este estado deve ser atingido aqui e agora. Os Upanisads afirmam isto. 'Se o homem falha em conhecer (o Ser) aqui, antes da queda deste corpo, ele estará sujeito ao renascimento em diferentes corpos, nesta criação<sup>11</sup>'.

Uma noção que é aceita por todos os filósofos indianos é a teoria do renascimento e sua concomitante teoria do Karma. Pois a menos que estas duas ideias sejam aceitas parece não haver nenhuma fundação para qualquer esforço pela retidão. Se este mundo é tudo que existe então não há necessidade para ninguém esforçar-se pela liberação, pois tão logo o corpo caísse, a alma, se houvesse no conceito de tais filósofos, automaticamente se livraria da escravidão. Supondo que eles aceitem o

---

<sup>8</sup> Ibid., IV.29.35.

<sup>9</sup> Seguidor da Advaita Vedanta ou monismo. (nota do tradutor).

<sup>10</sup> Seguidor do monismo qualificado. (nota do tradutor).

<sup>11</sup> Kathopanisad, 6.4.

nascimento em uma nova esfera, céu ou qualquer outro nome que possam chamar, isto também é um renascimento. Este corpo terrestre não irá para lá. E uma vez que um fenômeno é aceito como possível seria ilógico recusar admitir a possibilidade de sua repetição, pois em toda a nossa experiência aqui neste mundo, nós encontramos a recorrência de todos os fenômenos, em um tempo próximo ou distante. A manhã é seguida pela tarde e a tarde é seguida pela noite e a noite é seguida pela manhã e assim por diante. Eternamente isto tem acontecido. Que razão especial podemos encontrar para afirmar que o que aconteceu uma vez não acontecerá de novo? Apenas se uma razão satisfatória surgir não podemos desprezar esta teoria de renascimento de forma caprichosa ou irracional.

Vemos que, a teoria do Karma, que citamos frequentemente, caindo nas mãos dos ignorantes adquiriu, para um estudante superficial, um significado ridicularizado. Ele pensa que esta teoria tem tornado as pessoas imbecis e fracas, levando tudo à inércia. Mas a crença na teoria do Karma não é fatalismo, senão um lembrete de que as ações que você está fazendo agora formarão o seu futuro. Swami Vivekananda afirma, 'Cada pensamento que você pensa, cada ação que você faz, após certo tempo torna-se sutil, em uma forma de semente, por assim dizer, e vive no corpo sutil em uma forma potencial, e após um tempo emerge de novo e dá seus resultados. Estes resultados condicionam a vida do homem. Assim ele molda sua própria vida. O homem não está sujeito por quaisquer outras leis exceto aquelas que ele fez para si mesmo... Uma vez que nós colocamos em movimento um certo poder, teremos que ter todas as consequências dele. Isto é a lei do Karma'.

É a lei da causa e efeito, dada uma causa o efeito é certo de acontecer; portanto sejamos cuidadosos, diz o sábio indiano. Se você é descuidado com seu comportamento agora, terá que colher as consequências mais tarde. Não apenas os maus pensamentos e ações são refletidos nos resultados que levam alguém ao sofrimento, mas os bons pensamentos e ações manifestam seu poder para nosso socorro. Swamiji afirma que 'assim como os maus pensamentos e ações estão prontos para pular sobre você como tigres, da mesma forma existe a inspiradora esperança de que os bons pensamentos e ações estão prontos com o poder de cem mil anjos para defendê-lo sempre e eternamente'. Portanto vamos lembrar que se alguém atingir um estado superior de evolução de mente e caráter, ele trabalhou para isso e assim também nós podemos, se tivermos a vontade e força para lutar por isso.

Se *moksha* é um estado tão elevado, tão cobiçado, por que as pessoas não anelam intensamente por ele, será a próxima questão que enfrentaremos. A palavra *moksha* literalmente significa libertação. Libertação da prisão deste mundo, das correntes de escravidão à roda de nascimento e morte. Como pode a libertação ser alcançada? Descobrimo

sua causa. A causa do nascimento são os desejos insatisfeitos. Como os desejos surgem? Devido à falsa identificação de nosso ser real com o corpo e a mente. A mente, alimentada com o panorama deste mundo através dos diferentes sentidos anseia pelos objetos dos sentidos e daí surgem os desejos. Esta falsa identificação é devida à ignorância de nosso Ser. Os desejos obrigam o homem a agir. A ação de novo produz resultados bons e maus, para colher estes resultados temos que nascer repetidas vezes. Portanto vemos que isto é um círculo vicioso. É uma roda colocada em movimento por nós mesmos e, portanto temos a capacidade de escapar dela se tentarmos. Este também é um exemplo da lei do Karma. Como então podemos condená-la?

Nós estamos embriagados pela mundanidade, pelos desejos infinitos, aparentemente saudáveis, mas obviamente perniciosos e por isso convidamos apenas a inquietude. Agora a questão é como livrar-nos disto. Aqui não estamos falando daqueles que não querem ser curados desta doença, mas daqueles que às vezes querem, mas são incapazes de fazê-lo devido ao hábito de longo tempo. Sri Ramakrishna disse, 'Assim como se dá a água em que se lava o arroz para os habituais embriagados por bebidas alcoólicas, para acabar com sua embriaguez, assim também os homens devem ficar na companhia de homens santos para terminar com a mundanidade'. Ouvir sobre Deus ou sobre nossa verdadeira natureza solta nossas amarras, nossos apegos às coisas do mundo.

As pessoas esqueceram sua verdadeira natureza e estão correndo atrás da gratificação dos desejos, do corpo e da mente, como em uma caçada a um ganso selvagem. Portanto eles devem ser lembrados quem eles são. Eles não sabem disso? Sim, eles sabem, mas da maneira errada; esta é a causa de todo o problema. 'Este Ser deve ser visto; (para isto deve) ser escutado sobre Ele, pensado sobre Ele e meditado sobre Ele<sup>12</sup>'. Realizando a Ele apenas, o homem se libera. 'Atingindo o qual, as pessoas não retornam a este mundo; esta é Minha Suprema Morada<sup>13</sup>', declara Sri Krishna no Gita.

### III

É um terreno longo e difícil que devemos atravessar antes de atingir a Deus. E principalmente é nossa própria mente que permanece como uma grande barreira para nossa realização da Divindade, como o Dvaitin<sup>14</sup> dirá, ou descobrir nossa identidade com Brahman como o Advaitin colocará. Sri Krishna pede a nós que sigamos cuidadosamente no manuseio da mente que está muito envolvida nas coisas mundanas.

---

<sup>12</sup> Brihadaranyaka Up., II.iv.5.

<sup>13</sup> Gita, XV.6.

<sup>14</sup> Seguidor do caminho dualista. (nota do tradutor).

Primeiro, devemos obter a convicção intelectual do que é realmente bom para nós. Ao resolver este problema, outras coisas se juntam a você vagarosamente. 'Buscai primeiro o Reino dos Céus, e todas as coisas vos serão acrescentadas', assegura Jesus Cristo. 'Gradualmente e lentamente a mente deve ser acalmada pelo intelecto com discernimento, e colocada para permanecer no Atman<sup>15</sup>; não se deve pensar em nada mais. E quando esta mente instável vagar para cá e para lá, deve ser controlada e unida ao Ser<sup>16</sup>', diz Sri Krishna. É conhecido por todos aqueles que tentaram, quão rebelde é a mente. Apenas a prática contínua e constante, junto com intenso desapego por tudo além de Deus pode dar-nos a emancipação. Não existe um atalho para a liberação, pois se nada do mundo que tenha algum valor pode ser conseguido sem muito sacrifício, o que dizer então de atingir a suprema consumação da vida! Se alguém afirmar a você o contrário, que um caminho fácil é possível, tome cuidado com esta pessoa. Pois o Rishi não afirmou categoricamente, 'Eu conheço aquele grande Purusa, que tem o esplendor do sol e está além da escuridão. Apenas conhecendo a Ele se vai além da morte. *Não há nenhum outro caminho para atingir o Supremo*'<sup>17</sup>?

Por fim a questão é: Tudo isto acontecerá em alguma outra vida ou alguém já atingiu a liberação aqui? Se isto é apenas uma hipótese que não pode ser verificada aqui, você poderia dizer que, 'É inútil para nós'. Se for algo alcançável aqui, como saber sobre isto? Santos e sábios são os exemplos de pessoas que atingiram a liberação enquanto viviam. O teste para tal realização é a vida do santo. As escrituras nos dão descrições deste tipo de pessoas de forma extensa. 'Por elas a transmigração foi vencida aqui e agora, cuja mente está em equilíbrio. Brahman é imaculado e constante, por isso aqueles que têm a mente equilibrada estão estabelecidos em Brahman<sup>18</sup>'. Vendo o Senhor manifestar-se constantemente e em toda parte, não se prejudica o Ser pelo ser e por isso atinge o estado Supremo<sup>19</sup>. 'O homem cuja mente está absorvida (no Atman) através do Yoga e que vê o mesmo (Brahman) em toda parte, percebe o Ser em todos os seres e todos os seres no Ser<sup>20</sup>'. 'Ao Yogi cuja mente se tornou calma, cuja atividade extinguiu-se, que é sem pecado e identificado com Brahman, chega a Suprema Bem-aventurança<sup>21</sup>'. Estes são alguns dos signos e indicações pelas quais se pode conhecer o conhecedor de Brahman, uma alma realizada, uma alma liberada.

• • •

---

<sup>15</sup> O Ser Supremo que mora em todos os seres. (nota do tradutor).

<sup>16</sup> Bhagavad Gita, VI.25. Também VI.26

<sup>17</sup> Svetasvataropanisad, 3.8.

<sup>18</sup> Gita, V.19.

<sup>19</sup> Ibid., XIII,28.

<sup>20</sup> Ibid., VI.29.

<sup>21</sup> Ibid., VI,31.